



II ENCONTRO NACIONAL DA REDE DE GRUPOS DE
PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Natal, 21 a 24 de novembro de 2013

Caderno de Resumos

MARGINÁLIA

Grupo de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Seção de Informação e Referência

Catálogo da publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central Zila Mamede

Encontro Nacional de Redes de Grupos de Pesquisa em Comunicação (2. : 2013 : Natal, RN).

Pesquisa em comunicação / Organizadores Alex Galeno... [et al.].- Natal : EDUFRN, 2013.

Evento realizado de 21 a 24 de novembro de 2013.

ISBN 978-85-425-0118-6

1. Comunicação – Epistemologia – Congressos. 2. Comunicação – Ciência – Congressos. I. Galeno, Alex. II. Título.

RN/UF/BCZM

2013/77

CDD 302.201

CDU 007

56 Comunicação e religião: uma interface de pesquisa entre a circulação e a reconstrução sociossimbólica

Moisés Sbardelotto

Em que sua pesquisa pode renovar o olhar sobre a comunicação e a forma de estudá-la?

Introdução

Nossa atual pesquisa em nível de doutoramento nasce de nosso interesse por uma interface específico dos estudos em Comunicação, a saber, a mediação da religião, ou os processos comunicacionais e midiáticos que embebem as atuais práticas religiosas das sociedades contemporâneas.

Nossa pesquisa anterior¹, em nível de mestrado, abordou os chamados rituais online em sites católicos brasileiros², bus-

1 Seus resultados foram publicados em livro, intitulado *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet* (Aparecida: Santuário, 2012).

2 O interesse pelo âmbito católico se deve a muitos fatores. Os resultados do último Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. Embora com uma perda de fiéis (em 1872, 99,7% da população brasileira era católica), o perfil religioso da população brasileira ainda se mantém: em 2010, o país continua conservando a histórica maioria católica. De 73,6%

cando compreender, a partir de uma perspectiva comunicacional, como se dão as interações entre fiel-sagrado para a vivência, a prática e a experiência da fé nesses rituais. Pudemos, assim, aprofundar a reflexão sobre a complexidade da interface entre o fenômeno da comunicação – em suas ocorrências concretas, como o caso das práticas comunicacionais desenvolvidas na internet – e o fenômeno religioso – a partir da apropriação de dispositivos midiático-comunicacionais para a sua ocorrência.

Em nível de doutoramento, nossa pesquisa busca aprofundar como se dão os processos de circulação e de reconstrução do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais. Ou seja, analisar desdobramentos que a midiatização digital e a conectividade das redes sociodigitais geram na experiência, na prática e na doutrina católicas, além de examinar processualidades comunicacionais (interfaces, protocolos e lógicas) que estão implicadas na reconstrução dos construtos católicos que circulam nas redes sociodigitais. Pois, nelas, a vida social encontra-se em constante pulsação a partir das conversas sobre “o que está acontecendo”³. Nessas interações sociais

em 2000, os católicos eram 64,6% em 2010. Portanto, há uma grande relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica no Brasil, dentro de um cenário de grande mobilidade e sincretismo religiosos. Dados disponíveis em <http://migre.me/dXrg7>.

3 Chama a atenção que em duas das principais redes sociodigitais, o Twitter e o Facebook, essa expressão encontra-se *ipsis litteris* em suas páginas principais. O Twitter afirma: “Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam” (grifo nosso). Já no Facebook,

tecnologicamente mediadas, manifestam-se lógicas midiatisadas nas práticas dos indivíduos, que envolvem também as estratégias de instituições sociais como a Igreja. As instituições religiosas, assim, precisam se reposicionar nesse novo cenário e vão sendo impelidas pela nova complexidade social a modificar suas próprias estruturas comunicacionais e sistemas internos e externos de significação do sagrado.

Um olhar comunicacional sobre o religioso

Nossa pesquisa, nesse sentido, parte de um ponto de vista específico sobre o religioso: o comunicacional. Não se trata de uma pesquisa sobre a Comunicação a partir do ponto de vista teológico ou das Ciências da Religião, mas sim uma pesquisa da Comunicação sobre um âmbito social, a saber, o religioso.

Em nosso objeto específico, podemos ver fluxos de sentido em rede que moldam e fazem circular comunicacionalmente (por meio de imagens, textos, vídeos etc.) construtos “católicos”. Nisso, percebemos ainda a circulação comunicacional, na qual a sociedade diz “isto é católico”, “isto não é”. Nos fiéis comuns que *tomam a palavra e dizem* o “católico” midiaticamente para a sociedade em geral, entrevemos a reconstrução e a ressignificação das crenças e das práticas religiosas, provocando deslocamentos e alterações muito relevantes para a pesquisa, mediante as trajetórias comunicacionais dos sentidos

o usuário se depara com a seguinte pergunta: “O que está acontecendo, [nome do usuário]?”.

e discursos. No fluxo comunicacional de sentidos incessante que marca as mídias digitais, o “católico” é, assim, uma complexa construção social a partir dos mais variados polos da circulação comunicacional, não delimitados aos papéis de “produção” e “recepção”, mas constituindo-se enquanto tais justamente em sua “ação circulatória”. Não nos interessa analisar que “católico” é esse, mas sim *como ele se forma e se constitui* – isto é, os processos comunicacionais envolvidos nessa ação social.

Nesses ambientes digitais, portanto, há inúmeros sentidos religiosos em circulação, por meio de certas lógicas e regularidades. Não apenas as instituições eclesiais, nem somente as instituições midiáticas, mas também a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos da internet, *falam sobre e fazem algo com* o “católico”. E isso se dá em um processo simultâneo de “procepção” (produção-recepção) ou “prossumo” (produção-consumo). O religioso passa a circular nos meandros da internet, e esse cruzamento de sentidos colabora para a circulação e a reconstrução do “católico”, fomentando o surgimento de um “novo” catolicismo – marcadamente midiaticizado.

Nesse sentido, o “âmbito de feixes de relações que se estruturam cada vez mais em redes complexas de discursividades e de funcionamento dos signos” (FAUSTO, 2009, p.3) será analisado, dentro dos limites da pesquisa, em “sua totalidade, com suas relações, conexões e interconexões” (GOMES, 2009, p.13), a partir da perspectiva da midiaticização. Assim, ultrapassa-se o objeto em si para buscar a apropriação da totalidade dos processos midiáticos, não buscando mais sua fragmentação

em produtor, produção, conteúdo, veículo, público, receptor, recepção (cf. GOMES, 2009).

Mediatização e tecnologias digitais

Para além da experiência religiosa, portanto, nossa pesquisa busca perceber como se dá a *experimentação* religiosa nas redes sociodigitais. Para além do caráter privado de um ritual online, interessa-nos como se constituem as *manifestações públicas* do fenômeno religioso nas redes digitais. Para além de uma prática ritual de fé, queremos analisar como se dá a *prática sociocomunicacional* sobre o “católico”. Em suma, o que os usuários fazem para além da oferta religiosa disponível na internet, em termos de reconstrução e de circulação dos sentidos e discursos religiosos católicos, nos fluxos comunicacionais do ambiente digital.

Nesse sentido, nossa análise nasce de pistas e indícios que nos *afetam* e que *observamos* especificamente em interações via Twitter e grupos de temática religiosa no Facebook. “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p.177). Assim, minúsculas particularidades das interações entre internautas podem ser pistas para reconstruir grandes transformações sociocomunicacionais, pois, “quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos” (Ibid., p.169).

Em termos comunicacionais, os meios passam a ser “marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (MATA, 1999, p.84), inclusive das práticas religiosas da

sociedade. Por isso, é preciso “transcender os fenômenos individuais e se concentrar na análise dos processos midiáticos mais amplos, com suas inter-relações, interconexões na sociedade” (GOMES, 2009, p.8). Segundo Verón (1997, p.14), supera-se, assim, uma noção puramente linear entre “causa e efeito” para uma configuração de processos e um “emaranhado de circuitos de feedback”. Em síntese, “quanto mais uma sociedade se midiática, tanto mais ela se complexifica” (VERÓN, 2002, p.13, tradução nossa).

Assim, dentro da lógica da midiática, os processos sociais midiáticos passam a incluir, a abranger os demais, como o religioso, “que não desaparecem mas se ajustam” (BRAGA, 2006, p.2). Como afirma Mata (1999), surge uma nova racionalidade que supera a interação propriamente dita e manifesta-se mais em um nível sociocultural: nasce, assim, uma nova natureza sócio-organizacional (cf. FAUSTO NETO, 2005). É o caso da religião, que passa a se remodelar e a se reconstruir a partir desse novo contexto social.

Assim, baseamo-nos em um aporte metodológico de pesquisa baseado no pensamento sistêmico e complexo – da midiática – em busca de uma perspectiva de análise mais ampla: a do “objeto organizado ou sistema cuja explicação não pode mais ser encontrada unicamente na natureza dos seus constituintes elementares, mas se encontra também em sua natureza organizacional e sistêmica, que transforma o caráter dos componentes” (MORIN, 2002, p.127).

Nossa pesquisa, portanto, pode contribuir em termos epistemológicos e metodológicos para conjugar uma perspectiva

micro (“ginzburguiana”, a partir das microinterações no interior de redes digitais) com uma perspectiva macro (da midiatização, a partir dos efeitos sociais dessas microinterações no caldo do fenômeno religioso contemporâneo). Especialmente por se situar numa “fronteira” comunicação com o fenômeno religioso, nossa pesquisa pode permitir a percepção de um polo de tensão social contemporâneo, além de oferecer, no contato com o fenômeno religioso, um ponto de vista marginal, fronteiro, interfacial dos processos sociomidiáticos.

Por outro lado, para compreender o fenômeno da reconstrução e da circulação do “católico” nas redes sociodigitais, é importante acompanhar Miège (2009) em sua definição de *mídia*, conceito que permeia também a sua definição do fenômeno da midiatização. Segundo o autor, as mídias não são entendidas apenas como aparatos tecnológicos, mas sim como “*dispositivos sociotécnicos e sociossimbólicos, baseados cada vez mais no conjunto de técnicas (e não mais em uma única técnica, como antigamente)*” (MIÈGE, 2009, p.110). Nesse contexto, as tecnologias da informação e da comunicação propriamente ditas são apenas a “base material das mídias” (MIÈGE, 2009, p.111). As mídias, portanto, são dispositivos *técnicos* que ganham sentido *a partir dos usos e práticas sociais*. São *interfaces sociotécnicas* que passam a estabelecer redes complexas de circulação comunicacional.

Nesse contexto, a midiatização pode ser entendida como uma “ação das mídias”, pois aponta para “os fenômenos midiatizados pelo intermédio não das numerosas instâncias de mediação social, mas pelo intermédio de mídias no sentido

específico do conceito" (MIÈGE, 2009, p.83). A midiatização revela aquilo que, "nas relações interindividuais e mesmo intergrupais ou intraorganizacionais, se produz quando uma Tic, ou melhor, um dispositivo, interpõe-se entre Eu e Você, Eu e Nós, Nós e Nós". Ou seja, as "modificações dos próprios atos de comunicação", também em âmbito religioso.

A circulação em ação

Com a midiatização digital da religião, ocorre um *desvio da autoridade eclesial* e uma *autonomização dos fiéis* em práticas religiosas conectadas. Com o avanço da internet, "os amadores ocuparam o centro do palco" e "se encontram hoje no coração do dispositivo de comunicação". Isso porque "as tecnologias digitais são profundamente marcadas pelos comportamentos de autonomia individual e de 'conectividade' [*mise en connexion*]" (FLICHY, 2010, p.15, tradução nossa), contribuindo para o desenvolvimento de novas práticas sociais e religiosas.

Vemos aí que não é possível falar em midiatização sem levar em conta os processos de circulação. Nas redes sociodigitais, podemos perceber que, para além da "produção" eclesial histórica e tradicional do "Católico" oficial, entra em jogo também uma instância que não apenas "recebe informação", mas também *reconstrói o que é recebido e faz circular a sua reconstrução*. Dessa maneira, a circulação pode ser entendida como "um trabalho complexo de linguagem e técnica", que manifesta uma "atividade construcionista" (FAUSTO NETO, 2010,

p.3). Portanto, não há circulação sem reconstrução e, vice-versa, não há reconstrução sem circulação, pois ações respondem a outras ações e atuam sobre outras ações, e sentidos só têm sentido sobre outros sentidos. Ao abordar a reconstrução do religioso em redes sociodigitais, nossa pesquisa também pode contribuir com o entendimento desse “dispositivo central” do processo de comunicação que é a circulação (FAUSTO NETO, 2010).

Nesse âmbito, é importante destacar que “circular é produzir um efeito de distinção”, diferenciação essa que ocorre “a partir dos capitais econômicos, culturais e políticos [e religiosos]” (FERREIRA, 2005, p.76) dos agentes midiáticos envolvidos no processo de produção de sentidos. O que o estudo da circulação no permite é identificar, justamente no processo de circulação, “relações explicativas sobre o próprio sucesso da reprodução, transformação e constituição de poder simbólico no campo das mídias” (Ibid.), e também para além dele, incluindo agentes de outros campos, como o religioso, no caldo da midiatização. Como indica Ferreira (2010, p.74), “a comunicação como circulação está na base da proposição da comunicação dialógica”, e “o valor do diálogo enquanto comunicação pode traduzir o esquema básico da circulação, em que cada um dos interlocutores é, idealmente, produtor e receptor dos atos de linguagem”. Nossa pesquisa contribui, nesse sentido, com a análise dos processos de circulação em um âmbito específico de “diálogo”, a saber, religioso, em que processos de produção de sentido e atos de linguagem ocorrem continuamente em redes sociodigitais.

Nossa pesquisa, também, contribui com uma compreensão mais acurada da interface comunicação/religião e da circulação a partir especificamente do papel da *tecnologia* nessas práticas sociocomunicacionais, daquilo que, concreta e especificamente, *conecta* esses dois âmbitos, possibilita a circulação e provoca o interesse de pesquisa comunicacional (para além dos efeitos sociais acima abordados). Analisando uma *sociotecnidade* específica da contemporaneidade, a saber, os meios digitais, poderemos aprofundar a compreensão das mídias como “dispositivos sociotécnicos e sociossimbólicos” (MIÈGE, 2009, p.110), ou seja, uma relação sinérgica de processos sociais e processos tecnológicos para a produção de sentido social.

Miège (2009) se recusa a analisar a técnica como uma instância exterior à sociedade. Para o autor, é preciso analisar “os desenvolvimentos técnicos através de suas determinações sociais [...] e das lógicas sociais da comunicação”, que se manifestam como *processo*, ou seja, como “movimento da sociedade bem identificado, em curso, feito de mutações e mudanças diversas, e em torno do qual, a longo prazo, se afrontam e se confrontam as estratégias dos atores sociais envolvidos” (MIÈGE, 2009, p.18). Ou seja, “a esfera técnica também é feita de social” – ou seja, manifesta-se uma “dupla mediação”, que “é ao mesmo tempo técnica, pois a ferramenta utilizada estrutura a prática, mas a mediação é também social, porque os motivos, as formas de uso e o sentido atribuído à prática se alimentam no corpo social” (JOUËT apud MIÈGE, 2009, p.46).

Segundo o autor, é importante perceber como essa dupla mediação – técnica e social – se *articula*, sem pensar que o social é determinado pela, depende da ou se adapta à técnica. Ao invés de determinismo, Miège (2009, p.21) prefere falar em “enraizamento social” de determinadas “determinações técnicas”. Para o autor, “todo dispositivo técnico modifica numa certa medida a comunidade, e institui uma função que torna possível o advento de outros dispositivos técnicos” (MIÈGE, 2009, p.45). Portanto, ocorreria uma “tecnicização da ação” (JOUËT apud MIÈGE, 2009, p.47), que se manifesta, em nosso caso de estudo, também na construção e vivência do religioso. As práticas e processos religiosos, dessa forma, também passam a operar mediante novos modos de fazer, estruturados a partir da “racionalidade da técnica” (JOUËT apud MIÈGE, 2009, p.47).

Essa racionalidade, hoje, baseia-se no fenômeno da midiaticização digital, por exemplo, a partir das redes sociodigitais. Segundo Miège (2009, p.32), a inovação sociotécnica atual está centrada no *digital* (digitalização, compressão dos dados) e na *internet* (rede física integrada). Aí se manifestam novas modalidades midiáticas como a *self-media*, a *autome-dia* ou ainda a *plurimedia*. A digitalização, portanto, manifesta-se como uma “construção social, cujos contornos resultam ao mesmo tempo das limitações ligadas às lógicas socioeconômicas dominantes e da ação mais ou menos eficiente de diversos grupos sociais” (TREMBLAY & LACROIX apud MIÈGE, 2009, p.37). Assim, também no digital manifestam-se *determinações*

técnicas que se articulam e se complexificam a partir de uma *construção social*.

Essas determinações técnicas da sociotecnicidade contemporânea apresentam “determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação” comunicacional na e entre a sociedade (BRAGA, 2011, p.5). Chamamos essas matrizes de *dispositivos conexiais*, ou seja, sistemas sócio-técnico-simbólicos heterogêneos de conexão digital que organizam a comunicação entre os atores em rede, sejam eles indivíduos ou instituições. Em suma, os dispositivos dispõem o mundo e a sociedade; o mundo e a sociedade dispõem os dispositivos; e por meio deles a sociedade dispõe o mundo. E se a “essência de toda rede” é a conectividade (KERCKHOVE, 1999), a internet é “o meio [mídia] conectado por excelência, é a tecnologia que torna explícita e tangível essa condição natural da interação humana” (Ibid., p.25, tradução nossa). Nesse sentido, as interações sociais possibilitadas pelos dispositivos conexiais, portanto, vão além dos laços sociais tradicionais: elas operam por *reconexões sócio-técnico-simbólicas*. Ou seja, conexões “novas”, “ultraconexões” que vão além do já dado em termos *sociais, técnicos e simbólicos sobre o religioso*, e nas quais que se manifesta a *invenção social* sobre o “católico” nos processos de circulação comunicacional. É na reconexão que os internautas constroem a partir do que já existe social, técnica ou simbolicamente por meio de “práticas conectadas” (MIÈGE, 2009, p.185), que se somam a práticas mais tradicionais de construção do “católico”.

Portanto, a partir de nosso estudo, poderemos analisar as redes sociodigitais não como estruturas já dadas, bastando ana-

lisá-las e explicá-las. Toda rede é uma ação de conexão, um *trabalho em rede (network)*, que se dá a partir de condicionamentos do dispositivo (interfaces, protocolos). Ou seja, as conexões não existem “em si mesmas”, mas são construídas e mantidas constantemente pela ação social de comunicação via dispositivos conexiais. Elas existem enquanto relações de poder, disputas por controle, ações de reconstrução, invenção e também subversão dos indivíduos em rede. Indo além de uma análise meramente tecnológica ou computacional das chamadas “redes sociais”, reconhecemos que a *essência das redes não está apenas na rede*, mas em seus complexos modos de apropriação pela sociedade. E a interface religiosa é um âmbito privilegiado – embora ainda fortemente negligenciado – para a análise desses processos comunicacionais.